
Do que falamos quando mencionamos a literatura jovem? – Considerações sobre os livros juvenis a partir do Prêmio Amazon¹

Paula Renata MOREIRA²

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

A partir da perquirição do termo “juvenil” constante na sigla LIJ – de literatura infantil e juvenil –, pretende-se inquirir qual o público-alvo da literatura para jovens e como se pode conceituar a produção para tal nicho. Para tanto, serão analisados os cinco textos finalistas do recentemente instituído Prêmio Amazon de Literatura Jovem, objetivando traçar o perfil dos jovens personagens das narrativas, de modo a se perceber como se desenha a literatura para o público não-adulto e não-infantil, em uma premiação voltada para demandas de consumo no mercado editorial.

PALAVRAS-CHAVE: Prêmio Amazon de Literatura Jovem; literatura para jovens; mercado editorial.

Uma questão corriqueira que costuma aparecer na pesquisa acerca dos livros para jovens é a sua necessária conceituação. O que é, então, a literatura juvenil? Muito ampla, a pergunta porta várias armadilhas que, para serem desarmadas, necessitam, de forma concomitante, de um olhar para o passado e para o presente, enfocando desde a história do nicho até sua relação com o mercado e o público-alvo.

Como se sabe, as sub-divisões na literatura podem indiciar várias questões, como as pertencas nacionais, o gênero de quem escreve, a temática, o público para o qual se volta, entre outras – parte delas gerando discussões acerca da legitimação de seus produtos em um campo cuja relação entre capital econômico e simbólico – para falar com Pierre Bourdieu (1996) – não se dá sem disputas. A literatura para jovens, portanto, marca em seu nome o público destinatário e conjuga em sua história tensões acerca da pertença e do valor das obras que a compõem.

No caso, portanto, da literatura em foco, sua relação primeva dá-se com a literatura infantil, da qual não conseguiu plenamente se dissociar. Tal amálgama ocorre por um efeito de sua história conjunta: como já demonstrado, entre outros, por Philippe Ariès (2006), o delineamento de uma ideia de criança passou pela produção de materiais de fundo propedêutico, situação na qual se expandiu a produção de livros para o público

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Letras – Tecnologias da Edição e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (Linha de Edição, Linguagem e Tecnologia) do CEFET-MG, email: rmoreira@cefetmg.br.

infantil. A separação entre criança e adolescente – e, portanto, a produção de materiais específicos para este público – é relativamente recente em termos históricos e precisa contar com as divisões dentro mesmo das noções de adolescência e juventude. Para Almeida e Moreira,

os estudos sobre literatura juvenil algumas vezes precisam dissociar-se da literatura infantil – que já carrega, esta, certa tradição literária. Por isso, a fortuna crítica do tema, vezes sem conta, não apresenta características próprias e consolidadas, sendo frequentemente relacionada, de forma pejorativa, a livros sobre problemas de adolescentes, ou ainda, a livros que são, por concessão, trabalhados no ambiente escolar, negando, assim, o status de Literatura (2020, p. 20).

Apresentam-se aqui duas questões fundamentais para o contorno do problema: legitimação literária e mercado, instâncias que, se dialogam, não o fazem sem entreveros. Quando pensamos em mercado, a existência de livros para jovens não é recente – embora sua caracterização relacione-se àqueles livros compráveis pelas escolas e bibliotecas, em coleções que muitas vezes eram preenchidas com guias de leitura e divulgação voltadas a professores. Um caso marcante é a Série Vagalume, do editor Jiro Takahashi, lançada nos anos 1970 e que fez história na cena juvenil, embora tenha sido alcunhada de produção infantojuvenil, o que aponta para alguma fluidez da recepção – ou seja, ao fim e ao cabo, em boa parte das vezes é o leitor que decide o que vai ler e não certa classificação etária ou de nicho oriunda das editoras e outros *players*, o que não apaga o direcionamento percebido, entre outros pontos, por projetos gráfico-editoriais voltados a determinado público.

Outra faceta dessa questão, a legitimação, também se relaciona com instâncias como a escola e biblioteca, mas passa por outros atores, como a academia e as instituições que outorgam premiações exponenciais para a área. O Prêmio Jabuti, por exemplo, maior galardão da literatura nacional, possuía desde sua primeira edição a categoria “juvenil”, posteriormente mesclada a livro infantil (categoria Livro infantil e juvenil) e retomando, em 2005, sua especificidade. A academia, por sua vez, produz pesquisas que atuam como item de valorização de determinado segmento, como retomaremos mais à frente.

Em termos do mercado de livros, percebe-se que a relação conjunta da produção de obras para os dois públicos evidencia-se ainda na terminologia escolhida para a nomear. Os catálogos de diversas editoras voltadas para os nichos não-adultos traziam até pouco tempo atrás apenas a indicação “literatura infantojuvenil”. Mais recentemente,

grandes editoras investem na “literatura juvenil”, algumas com a criação de selos jovens, com livros de perfis diversos daqueles consumidos na lógica escolar. Mas do que se fala quando se aborda a literatura infantojuvenil e, por extensão, a literatura juvenil?

Para entender tal questão, faz-se necessário perguntar o que socialmente se entende como jovem. Por óbvio, todo aquele que não é velho, mas, mais do que isso, um signo em disputa, um valor social, ligado, por conseguinte, à fase da vida anterior à idade adulta ou ainda ao seu início. Para Claudio Duarte Quapper, é necessário observar a “ênfase na condição de sujeito/a e/ou ator que teriam os indivíduos socialmente considerados jovens”³ (2012, p. 101). Ser jovem, portanto, não é o mesmo que ser adolescente, mas tal relação estabelece-se de modo muito forte no nicho juvenil.

Torna-se curiosa, portanto, a segmentação etária dos livros infantojuvenis. O marcador “infanto” não deixa dúvidas: não estamos tratando ainda de adolescentes ou, pelo menos, estamos em uma área de fronteira, voltada muito mais às crianças crescidas, distantes já da primeira infância, e menos aos ditos interesses daqueles que beiram a idade adulta. Mas e a literatura jovem?

O imbróglio da questão situa-se justamente nessa parcela do nicho, posto que a literatura juvenil, em uma compreensão mais estrita, deveria ser aquela voltada ao público mais adiantado no correr da adolescência, beirando a idade adulta, mas não é exatamente isso com que o pesquisador se depara ao indagar o “J” que compõe a conhecida “LIJ” – Literatura infantil e juvenil. Aqui torna-se fundamental entender os movimentos, por vezes paradoxais, entre o mercado e as instituições legitimadoras, a história do nicho e a presença da escola no cenário de consumo e fruição do livro para jovens.

Um claro paradigma para conceituar a área, como dissemos anteriormente, deve advir da sua produção acadêmica, o que, no caso LIJ, parece abarcar com muito mais amplitude a literatura infantil, ficando a produção para jovens como um segmento quase invisível, para o qual as instituições só muito recentemente começaram a direcionar um olhar de pesquisa. É o que apontavam, há década e meia, Buckowski e Aguiar (2010), em artigo que procurava delimitar o campo de estudos da literatura juvenil no Brasil. Nesse sentido, a realização de investigações que perquiram as especificidades de livros

³ Tradução livre, de nossa autoria, para: “ênfasis en la condición de sujeto/a y/o actor que tendrían los individuos socialmente considerados jóvenes”.

para esse público esbarra, entre outros problemas, na dúvida sobre qual alvo intuímos quando apontamos uma literatura para jovens.

Parte dessa discussão tem a ver com a existência de múltiplas juventudes, o que, em tese, impossibilitaria a demarcação de uma só feição para a literatura voltada a tal segmento. A questão, todavia, coloca-se para todos os públicos, tornando-se uma bandeira acerca das diversidades nas representações literárias. Outra faceta do mesmo problema relaciona-se à descoberta recente de que os jovens são um público que lê ou pode ler fora do ambiente escolar – historicamente um grande veio para escoamento da produção não-adulta e didática –, gestando um nicho potente, especialmente com a popularização das redes sociais e influencers do livro.

Nesse sentido, torna-se relevante direcionar um olhar para o recentíssimo Prêmio Amazon de Literatura Jovem. Instituído em 2024, a distinção segue-se como uma especificidade de nicho ao já conhecido Prêmio Kindle de Literatura, que está com inscrições abertas para sua 9ª edição. A versão juvenil é uma iniciativa do KDP (Kindle Direct Publishing), da Amazon Brasil e também de uma das maiores editoras do planeta, a HarperCollins.

A big tech, como se sabe, está profundamente atrelada à dita uberização da produção literária, como discute Pollyanna Vecchio (2022) em tese que analisa a autopublicação e a precarização do trabalho autoral na plataforma. Parte dessa controvérsia toca em questões complexas como o fechamento do mercado editorial tradicional a novos escritores, a ampliação das possibilidades de divulgação da escrita literária em ambientes digitais e, paralelamente, a fragilização do trabalho do autor, mal ou nada remunerado em plataformas como o KDP.

O prêmio, todavia, parece enfim reconhecer a especificidade comercial (não escolar, embora este seja um dos maiores mercados escoadores de livros) do cenário de produtos editoriais para jovens, posto que dissocia completamente – à diferença de outros prêmios, menos focados no mercado – a produção para jovens adultos daquela feita para o anteriormente citado público infantojuvenil (e seu braço pouco definido e muitas vezes não separado em diversas editoras, o juvenil).

O livro vencedor, **Coronel Mostarda com o castiçal na biblioteca**, de Juliana Giacobelli, traz como narrativa a história de dois jovens, Davi e Vicente, em uma história de dez anos de amizade que resulta em uma paixão. A temática, impensável há alguns anos em livros para o público não adulto, posto que o casal protagonista desafia a

lógica heteronormativa, põe em cena uma diversificação – ainda que parcial – dos temas e problemas encontrados na ficção para jovens. Juntam-se ao livro de Giacobelli os finalistas **Cruzeiro de Mentirosos** (de Julie Pedrosa), **Eu só existo às terças-feiras** (de Rodrigo Goldacker), **A um clichê de você** (Camila Sodré) e **O que aconteceu no quarto 21** (de Tati M. Ribeiro). O júri, por sua vez, foi composto por nomes da indústria editorial nacional: Stefano Volp, Vitor Martins e Taissa Reis.

Para a presente pesquisa, pretende-se efetuar uma leitura qualitativa das obras mencionadas, inquirindo o conceito de juventude presente nos textos, de modo que se evidencie qual jovem está em foco na chamada Literatura Jovem da Amazon, um player gigante do mercado dos livros. De que modo o nichamento de tal parcela do público contribui para uma aproximação ou um afastamento da ideia de literatura juvenil presente nas pesquisas e certos catálogos editoriais? Para tanto, buscar-se-á, como metodologia, a identificação dos personagens principais das obras finalistas, objetivando observar faixa etária, sexualidade, gênero e classe social como demarcadores de um perfil de jovem que atende aos requisitos mercadológicos de uma literatura para um público que se mostra leitor também fora do ambiente escolar e que pode fruir produtos diversos daqueles agraciados pelos prêmios de instituições legitimadoras tradicionais. É perceptível, portanto, um desenho de cenário em que a literatura jovem não é exatamente a mesma daquela literatura juvenil da qual falávamos no começo, e sim o nicho Young Adult, criando tensões e dissensos na segmentação literária e mercadológica dessa fase da vida entre a infância e a vida adulta.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. M. de; MOREIRA, P. R. M. Literatura juvenil de mulheres negras – Brasil, século XXI. **Cuaderno 107** – Centro de Estudios em Diseño y Comunicación. Fundación Universidad de Palermo, v. 1, 2020.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura dos campos literários**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BUCKOWSKI, M.; AGUIAR, V. T. A. Literatura Juvenil no Brasil: algumas considerações. *In: V Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação* – PUCRS, 2010.

QUAPPER, Claudio Duarte. Sociedade adultocéntricas: sobre sus Orígenes y reproducción. **Última década**, n. 36, CIDPA, Valparaíso, jul. 2012.

VECCHIO, Pollyanna de Mattos Moura. **O direito de publicar**: autopublicação e o advento das tecnologias digitais no mercado editorial brasileiro. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (CEFET-MG), 2022.